

# Sobe para 32,8% índice de alunos vindos da escola pública

JULIANA SANGION

juliana@comvest.unicamp.br

A Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest) convocou um número recorde de estudantes oriundos de escolas da rede pública na primeira chamada do Vestibular 2005 para matrícula, em 15 de fevereiro: 962 candidatos. O número representa 32,8% dos 2.934 convocados em primeira chamada e é o maior da história do Vestibular. No ano passado, 24,2% dos convocados em primeira chamada haviam cursado o ensino médio em escolas públicas. O número de candidatos que se declararam pretos, pardos e indígenas convocados em primeira chamada também é recorde: 443, ou seja, 15,1% do total de convocados, contra 10,5% no ano passado. O aumento é reflexo

**Recorde é reflexo de programa de inclusão**

direto do Programa de Ação Afirmativa e Inclusão Social (PAAIS), aprovado pelo Conselho Universitário da Unicamp no ano passado e que passou a valer a partir do Vestibular 2005.

O PAAIS é uma alternativa ao sistema de cotas, já que não há reserva de vagas e a qualificação acadêmica continua sendo determinante na seleção. O Programa prevê 30 pontos a mais na nota final a alunos que cursaram o ensino médio integralmente em escolas da rede pública e 40 pontos para aqueles que além de ter estudado em escolas da rede pública se declararam pretos, pardos ou indígenas. O sistema adotado foi motivado por um estudo sobre quatro gerações de estudantes da Unicamp que ingressaram em meados dos anos 90. Este estudo mostrou que, em igualdade de condições, os ingressantes oriundos da rede pública apresentam, em média, melhor desempenho acadêmico, quando se leva em conta o cur-

so e a nota do vestibular. O programa da Unicamp, levando em conta os dados do estudo, alia inclusão social e valor acadêmico, procurando a melhor forma de selecionar os mais aptos para seu corpo discente.

Em alguns cursos, o número de convocados de escola pública mais do que triplicou em relação ao ano passado, como em Medicina, onde quadruplicou, sendo convocados nesse ano 29 candidatos contra 7 no ano passado. No caso dos candidatos que se declararam pretos, pardos ou indígenas, a variação no número de convocados em primeira chamada chegou a triplicar e até quadruplicar em alguns cursos. Mais importante, nos cursos com maior demanda, os aumentos foram mais significativos: nos cinco cursos mais procurados da Unicamp, houve aumento de mais de três vezes dos convocados da rede pública e de mais de duas vezes dos que se declararam pretos, pardos ou indígenas.

**Isenções** – Outro recorde decorrente da preocupação da Unicamp em criar ações de inclusão social refere-se ao número de isentos convocados em primeira chamada. Neste ano, 189 candidatos que tiveram isenção da taxa de inscrição do Vestibular estão sendo convocados em primeira chamada, quase o dobro dos 98 convocados em 2004. O Programa de Isenções da Taxa de Inscrição do Vestibular faz parte do PAAIS e beneficiou todos os egressos de escola pública que se inscreveram para as licenciaturas noturnas, além de todos os que solicitaram isenção da taxa de inscrição e se enquadraram no perfil socioeconômico determinado pela Comvest, com mais de sete mil candidatos beneficiados. O estímulo às licenciaturas aumentou a procura por esses cursos e o resultado é um expressivo crescimento do número de isentos convocados em primeira chamada.



Fernanda Firmino Giachetta, primeira colocada entre os alunos matriculados, durante a confirmação de matrícula no último dia 25: escola pública por opção

Fotos: Antoninho Perri

## Primeira colocada busca exemplo em casa

ISABEL GARDENAL

bel@unicamp.br

Depois de duas tentativas anteriores, a campineira Fernanda Firmino Giachetta, 19 anos, foi aprovada no curso de medicina, o mais concorrido no vestibular 2005 da Unicamp. Ela figura como a primeira colocada entre os alunos matriculados deste ano. Entre os vestibulandos que disputaram uma vaga na Faculdade de Ciências Médicas (FCM), ela conquistou o quarto lugar. Fernanda, que reside na Cidade Universitária, em Barão Geraldo, também foi aprovada nos vestibulares da Unesp e da Unifesp.

Fernanda se auto-intitula "muito tranquila" e não considera negativo o fato de ter aberto mão das "baladas" para se dedicar aos estudos durante o último ano. "Vestibular é coisa de momento, mas é o meio por excelência para se chegar ao nosso objetivo", afirma. "Por isso aquele momento é a hora", completa. Ela diz ter encontrado dentro da própria casa o exemplo para dedicar-se com obstinação à conquista do objetivo. "Meu pai, Nilton Giachetta Filho, também obteve o primeiro lugar no curso de engenharia mecânica da Unicamp, em 1977. Aquela era o momento dele", conta.

Fernanda foi aluna de escola pública. "Mas por opção", relata orgulhosa. "O curso de técnico de enfermagem, feito no Colégio Técnico da Unicamp (Cotuca), me deu experiência para a vida", diz. Num dos estágios, feitos no Hospital Cândido Ferreira, aprendi que saúde não envolve só o cuidar. "É lidar com pessoas, sua problemática de saúde e fazê-las acreditar na melhora", acrescenta. "Ali fizemos um verdadeiro curso de enfermagem na Oficina de Culinária, fato curioso, uma vez que os pacientes trabalham fazendo salgadinhos."

A caloura impôs a si própria uma rotina de estudos bastante exigente, mas ao mesmo tempo classificada por ela como "normal". Conta que fazia cursinho de manhã e completava o ciclo de estudos à tarde e à noite. "Mas sem exceder o horário das 23 horas", ressalta. "O sono é necessário para organização das ideias", afirma. Mas foi na família que encontrou apoio incondicional.

Dez dias antes do vestibular, os pais viajaram para o litoral. "Fernanda ficou com a casa toda para ela, deitando e rolando nos estudos", afirma a mãe, Maria Isabel Firmino. Arteeducadora, Isabel descreve que a filha nunca foi neurótica em relação aos estudos. Era, ao contrário, muito equilibrada. Estudava e sabia a hora de parar. "Sempre fez avaliações de suas falhas, apegando-se aos acertos", diz. Montou um grupo de estudo com cerca de 12 pessoas, sendo que todas passaram no vestibular, duas delas na Unicamp.

Fernanda destaca que nunca nutriu aversão a determinadas disciplinas, apesar de confessar que geografia e história não eram as "prediletas". Boa aluna de português, ela se destacou no vestibular do ano passado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Das 14 mil redações corrigidas pela instituição, Fernanda abocanhou, com outros 16 candidatos, uma valiosa nota "10".

A aluna gosta de leitura, principalmente de literatura brasileira. Aprecia Machado de Assis e foi logo apontando Dom Casmurro como seu livro preferido. "Ama" os discos de vinis, guardados em seu quarto. Não tem namorado no momento e pretende se dedicar muito à nova fase de estudos. "Prentendo seguir carreira docente e vou longe: quero ser a primeira geriatra da Unicamp", planeja.

## Dois veteranos, muitas histórias

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

"O vestibular foi apenas o começo. O melhor virá agora para quem tem interesse em crescer. É preciso explorar a diversidade da Unicamp". A dica é do estudante Marco Antonio Basílio de Alvarenga, do 6º ano do curso de Mecatrônica. Para ele, ao contrário do que muitos pensam, após a maratona de exames para conseguir uma disputada vaga, a hora não é de acomodação, mas de descobertas. Perto de encerrar sua trajetória na Unicamp, Alvarenga guarda boas recordações da instituição que, segundo ele, se diferencia pelo "espaço para a criação de coisas". "Foi um tempo inesquecível. Várias noites sem dormir, muito estudo e inúmeras histórias para contar". O estudante tem certeza que fez de tudo para marcar sua presença na Faculdade de Engenharia Mecânica: de experiências relacionadas à iniciação científica e representação discente

da unidade até a participação em programa de intercâmbio na França.

Alvarenga chegou na Unicamp em 1999, quando se formava a segunda turma de um curso que despontava no cenário nacional: o de Mecatrônica. E por isso identificou-se bastante com o conteúdo. "Tudo era novo e a faculdade impunha muitos desafios", lembra. O estudante não teve dúvidas: encarou todos. Já no início do curso, como as aulas acontecem no período noturno, durante o dia dedicou-se a trabalhos de iniciação científica e se envolveu nos primeiros passos da empresa júnior Mecatron. Permaneceu dois anos como diretor de projetos e conseguiu bagagem para sua formação. Vivenciou na prática o que estava aprendendo na teoria.

No terceiro ano, a ideia de iniciar o projeto de Guerra dos Robôs fez com que Alvarenga perdesse várias noites de sono. "Tinha que conciliar os estudos, a organização do evento e ainda construir o robô com

o grupo", lembra. A experiência marcante, no entanto, aconteceu no quarto ano, ao prestar exame de seleção para participar de um programa de intercâmbio, financiado pela Capes. Alvarenga conseguiu a chance de fazer estágio por quatro meses em uma empresa francesa de engenharia. Até completar um ano de sua estada na Europa, ele estudou na Escola Nacional de Engenharia de Metz (ENIM), na França. "Foi muito puxado, mas valeu a pena. Fiz amigos, conheci várias cidades e isso foi fundamental para a minha formação profissional e para a vida pessoal", afirma.

Hoje, o estudante busca novos horizontes. A experiência na iniciação científica, feita em dois projetos – na área de Engenharia biomédica e Engenharia de Petróleo – despertou a vontade de seguir a carreira acadêmica. Antes, porém, quer ter contato maior com o mercado de trabalho. Atualmente, Alvarenga é estagiário em uma empresa da região. Ele acredita que, ao experimentar o

mercado de trabalho, será um pesquisador com maior sensibilidade para inovar.

**De tudo um pouco** – Flora de Andrade Gondolfi aconselha: ao entrar na Universidade, o calouro deve procurar fazer de tudo um pouco. Experimentar as áreas e conhecer o que o curso pode oferecer de atividades. A estudante do 2º ano de Educação Física orienta os ingressantes naquilo que deu certo na sua experiência na Unicamp. No primeiro ano de curso, em 2004, fez o possível para conhecer melhor os colegas e explorar o que poderia fazer além das disciplinas obrigatórias. Entrou para o time de futsal, auxiliou as professoras no curso de extensão em ginástica rítmica com crianças e ainda entrou para a Atlética da Faculdade. Tudo para que consiga futuramente mapear o que pretende se especializar. Atualmente, Flora faz parte da comissão de recepção aos calouros da faculdade.

Bailarina desde os 6 anos de idade, Flora sempre gostou de trabalhos que envolvessem o corpo. Lembra que no ensino fundamental participava de diversas atividades esportivas oferecidas pelo colégio. No Ensino Médio, porém, as opções escassearam. No estabelecimento em que estudou, as atividades físicas eram realizadas em academia e não contemplavam todas as áreas. Mas isso não a impediu de decidir-se pela Educação Física.

Não se arrepende. Em sua opinião o curso superou suas expectativas. Gosta demais das atividades e ficou surpresa com a atenção dada às disciplinas da área de humanas. "Temos muita discussão em sala sobre filosofia e antropologia". Flora observa que muitos estudantes entram e saem da sala de aula e dificilmente se envolvem com as atividades de extensão e extra-curriculares. Com isso, acredita, que acabam não tendo ideia das muitas opções da Educação Física. "Vou experimentar de tudo um pouco".



Marco Antonio Basílio de Alvarenga: experiências enriquecedoras



Flora de Andrade Gondolfi: é preciso fazer de tudo um pouco